



CLÍNICA E ÉTICA EM PSICOLOGIA

RELATOS DA COMISSÃO
DE PSICOLOGIA E CLÍNICA
DO CRP-MG



CONSELHO
REGIONAL DE
PSICOLOGIA
MINAS GERAIS

Conselho Regional de Psicologia - Minas Gerais
Comissão de Psicologia e Clínica

Organizadoras

Mariana Lúcia Ferreira Tavares
Paula Lins Khoury

**CLÍNICA E
ÉTICA EM
PSICOLOGIA**
RELATOS DA COMISSÃO
DE PSICOLOGIA E CLÍNICA
DO CRP-MG

Belo Horizonte



CONSELHO
REGIONAL DE
PSICOLOGIA
MINAS GERAIS

2019

© 2019, Conselho Regional de Psicologia – Minas Gerais
É permitida a reprodução desta publicação, desde que sem alterações e citada a fonte.

Revisão ortográfica e gramatical: Brasil84

Projeto e edição gráfica: Brasil84

Impressão: Gráfica A Nova Era e Faleiros LTDA

Tiragem: 1.000 exemplares

Conselho Regional de Psicologia – Minas Gerais

Rua Timbiras, 1.532, 6º andar, Lourdes

CEP: 30.140-061 – Belo Horizonte/MG

Telefone: (31) 2138-6767

www.crpmg.org.br / crp04@crp04.org.br

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C755c Conselho Regional de Psicologia – Minas Gerais.
Clínica e ética em psicologia: relatos da Comissão de Psicologia e Clínica do CRP-MG / Organizadoras Mariana Lúcia Ferreira Tavares, Paula Lins Khoury. – Belo Horizonte, MG: CRP04, 2019.
198 p. : 17 x 23 cm

ISBN 978-85-98515-27-4

1. Psicologia clínica. 2. Psicólogos – Ética profissional. I. Khoury, Paula Lins. II. Tavares, Mariana Lúcia Ferreira. III. Título.

CDD 174.915

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Adolescentes hiperconectados: um sintoma contemporâneo?



Nádia Laguárdia de Lima - Psicóloga pela UFMG, mestre e doutora em Educação pela UFMG, com pós-doutorado em Teoria Psicanalítica pela UFRJ. Professora do Departamento de Psicologia e do Programa de pós-graduação em Psicologia da UFMG, onde coordena o grupo de pesquisa: Além da Tela: psicanálise e cultura digital. Autora do livro: “A escrita virtual na adolescência: uma leitura psicanalítica.”

A forte penetração dos dispositivos tecnológicos em todas as esferas da vida social é um fato incontestável. Suponhamos que a técnica sempre esteve presente na vida humana, as tecnologias digitais superaram todas as fantasias acerca das relações fusionais entre o homem e a máquina. Os dispositivos tecnológicos passaram a funcionar efetivamente como extensões do próprio corpo ou como parceiros quase-humanos, substituindo as relações corpo a corpo. Estamos imersos na cultura digital, que designa o conjunto de técnicas materiais e intelectuais, de práticas, comportamentos, modos de pensamento, ideologias e valores que são desenvolvidos juntamente com o crescimento do ciberespaço (Levy, 1999; Tapias, 2006).

A convergência digital incrementou o uso dos dispositivos tecnológicos digitais em todo o mundo. Do ponto de vista tecnológico, essa convergência significa que um mesmo aparelho passa a dispor de diversas funções, antes dispersas por diferentes dispositivos. Da perspectiva cultural, refere-se às mudanças das lógicas de consumo e do uso das mídias, com ênfase no fluxo contínuo dos conteúdos e na participação dos utilizadores (Baldi e Oliveira, 2014). Associada às tecnologias móveis, ela intensificou o uso desses dispositivos, já que eles passaram a ser transportados e acessados em qualquer lugar. Desta forma, quais os efeitos desse uso contínuo dos aparelhos digitais sobre as subjetividades?

A idade pós-moderna é obcecada pela informação e pela expressão (Lipovetsky, 2005). Na sociedade em rede, todos são jornalistas, apresentadores, comentaristas e animadores, e querem contar suas experiências íntimas, dar conselhos e opiniões sobre qualquer coisa. Assim, surge um “comunicar por comunicar, expressar-se sem qualquer outra finalidade a não ser expressar-se e ser ouvido por um micropúblico. O narcisismo revela, tanto aqui quanto em outros aspectos, a sua convicção com a ausência de substância pós-moderna, com a lógica do vazio” (2005, p.24). O excesso de palavras produz um vazio, pois muitos escrevem e poucos leem, ou, no má-



ximo, curtem. Diariamente recebemos em nossas redes sociais uma infinidade de informações de todo tipo. É impossível acompanhar esse ritmo acelerado de palavras e imagens que se multiplicam infinitamente na rede. Pois, se as redes sociais permitem a comunicação e o diálogo, elas atestam, por outro lado, a proliferação de grupos virtuais que funcionam como bolhas narcísicas, marcadas por mensagens e pensamentos comuns, segregando qualquer diferença.

A interatividade na Internet é considerada a principal razão de seu sucesso. O termo “interatividade” em geral ressalta a participação ativa do beneficiário de uma transação de informação (Lévy, 2000: 79). A informática possibilita o intercâmbio com uma matriz de informações, um modelo capaz de gerar inúmeros percursos diferentes. Ela proporciona a reciprocidade em tempo real. Pois envolve a agilidade e requer a capacidade de realizar múltiplas ações simultaneamente. Inegavelmente a interatividade envolve maior participação dos sujeitos, mas ela requer uma atividade constante, necessária ao fluxo capitalista.

Vivemos em um mundo obcecado pela velocidade, pilar da economia capitalista. O insaciável apetite por novidade mantém o funcionamento do mercado. De acordo com Bauman (2013), não vivemos mais uma cultura da aprendizagem e da acumulação de conhecimento, mas uma cultura do desengajamento, da descontinuidade e do esquecimento. Estamos todos conectados à internet, entretanto, alguns reconhecem fazer um uso excessivo dela, que causa desconforto, angústia. Nesse sentido, é possível afirmar que há um uso sintomático da conexão virtual.

Em nossas pesquisas²¹, buscamos fazer uma leitura crítica da cultura atual, mas destacando os movimentos de resistência, pontos de abertura e invenções de cada um. Para Lemos (2014), as críticas às novas tecnologias muitas vezes estão sustentadas nas perspectivas es-

21 Grupo de pesquisa: “Além da tela: psicanálise e cultura digital” vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG.



sencialistas do fenômeno técnico, ocultando os seres da técnica, as associações entre eles e as tecnologias, e a percepção da técnica como movimento, mediação, que designa um modo de operação. O uso das tecnologias de comunicação e informação associa múltiplos atores em uma circulação de mediações e delegações atravessando espaços e contextos. Assim, para o autor (2014), compreender a cultura digital é entender essas relações, as suas formas de dobra e acoplagem, através das análises de seus rastros. Nessa perspectiva, não caberiam as visões baseadas em essências universais as quais tentariam enquadrar a internet em perspectivas dualistas, por exemplo, como boa ou má, emancipadora ou totalitária. Seres e técnicas articulam-se, estão sempre conectados e híbridos e em constante transformação.

As tecnologias digitais emergem em determinado contexto social, político, econômico e cultural, mas elas têm efeitos sociais e subjetivos imprevisíveis. A velocidade das mudanças tecnológicas não corresponde, necessariamente, à velocidade das mudanças culturais e subjetivas (Baldi e Oliveira, 2014). Como salientam as autoras, cada *gadget* produzido no campo da comunicação é acompanhado de um processo cultural de apropriação e de adaptação à novidade.

Tendo em vista as perspectivas acima, buscamos compreender as subjetividades na cultura digital, analisando as diferentes formas de apropriação das tecnologias, as perdas e os impasses promovidos pela virtualização da vida, mas também as soluções construídas pelos sujeitos diante desses impasses e as possibilidades que emergem nesse fluxo contínuo de transformações. A cultura digital não é homogênea, pois abriga em seu interior contradições nas formas de acesso aos produtos tecnológicos e aos seus serviços, além das diferentes possibilidades de uso. Entretanto, já é possível constatar alguns efeitos do uso constante das redes sociais sobre a vida social e sobre as subjetividades.

A visibilidade e a conectividade sustentam as formas de comunicação e sociabilidade atuais. Para os entusiastas das tecno-



logias de comunicação e informação, as redes sociais incrementam a sociabilidade, favorecem a aproximação entre grupos de diferentes culturas, e promovem a construção e a propagação do conhecimento. As visões mais otimistas desconsideram, por vezes, os interesses econômicos que sustentam as redes sociais da internet, os impasses, obstáculos, perdas e formas de sofrimento envolvidos em suas formas de apropriação.

Não podemos esquecer que as mídias sociais são indústrias. Empresas como *Facebook*, *Twitter* e *LinkedIn* buscam atrair clientes e vender os seus produtos. Neste contexto, surge “a industrialização da amizade” (Primo, 2014, p. 119). Essa oferta, aparentemente gratuita, implica em um custo para o usuário. O *Facebook*, por exemplo, realiza um tratamento algorítmico dos rastros digitais deixados pelos seus usuários. Até as demonstrações de afeto e as imagens podem ser quantificadas e cruzadas com outros dados disponíveis nos bancos de dados, assim podem ser utilizadas para diferentes fins, como políticos ou econômicos.

Observamos que os adolescentes são especialmente suscetíveis às ofertas do “mercado de socialização”, pois estão buscando se separar da autoridade dos pais e se inserir no mundo social mais amplo. Estar conectado hoje é uma forma de manter-se ligado ao outro, e a desconexão tem-se tornado uma fonte de angústia, especialmente para os adolescentes. Entretanto, as conexões virtuais não têm solucionado os problemas relativos ao laço social contemporâneo. A convergência digital, a facilidade de comunicação e de acesso às informações no ambiente virtual, determinam a agilidade e a superficialidade nas interações. Acompanhamos o crescimento das queixas de educadores e de pais relacionadas ao uso intenso das redes sociais pelos adolescentes, e, ao mesmo tempo, uma queixa frequente dos jovens de não serem ouvidos. Estaríamos diante de uma nova forma de dependência ou adição virtual? Seria a hiperconectividade um sintoma contemporâneo?



Sintoma: subjetivo ou social?

O sujeito se constitui na cultura. O Outro é a morada dos significantes que se articulam em cadeias (Lacan, 1960/1998). O inconsciente situa-se no lugar do Outro, enquanto tesouro do significante. Lacan (1962-63/2005) descreve a faixa de *Moebius*, essa quando torcida de maneira peculiar, marca a relação de continuidade entre as superfícies interna e externa, demonstrando a articulação entre o mundo subjetivo e o campo social. O sujeito é afetado pela palavra que o representa, pela pulsão que o agita e pela cultura que o produz.

Freud, em seu texto sobre o Mal-estar na cultura (1930), apresenta uma reflexão sobre a origem da cultura e as condições de sua existência. Para ele, a vida social exige renúncia pulsional. O mal-estar seria proveniente do desacordo entre a exigência pulsional irrestrita e a satisfação possível. Freud apresenta o sintoma como uma solução para este conflito, definindo-o como uma formação substitutiva do desejo sexual recalçado. O sentimento de culpa seria engendrado pela própria civilização, permanecendo em grande parte inconsciente.

Para Lacan (1969-1970/1992), o mal-estar é próprio da estrutura da linguagem. O recorte que a linguagem opera sobre o real deixa um resto, ou seja, acarreta uma perda originária de gozo. Essa instaura um movimento de repetição significante que visa o reencontro impossível com o objeto perdido da satisfação.

Assim, a estrutura da linguagem porta um furo. O mal-estar surge do encontro com esse furo no simbólico. Lacan designa o real como aquilo que o simbólico não é capaz de apreender. O real é um vazio, um gozo sem sentido é também o núcleo da subjetividade em torno do qual são tecidas as redes simbólicas e imaginárias, ou seja, as ficções de cada um. Mas persiste um resto de gozo sempre por simbolizar.

É possível identificar, nos textos freudianos, duas perspectivas do sintoma: como uma forma de satisfação pulsional e como



uma mensagem endereçada ao Outro. Freud reconhece que o sintoma está articulado a um sentido inconsciente. Ao endereçar o seu sintoma ao psicanalista, o sujeito demanda que ele decifre a mensagem enigmática que o sintoma porta. Esse é o aspecto inconsciente do sintoma, que Lacan formulou com a hipótese de que o inconsciente é o discurso do Outro (1998). Nessa perspectiva, o sintoma teria uma relação com o desejo do Outro.

Freud (1925-1926) destaca que o sintoma é tanto um mecanismo de defesa contra o recalado quanto um meio substitutivo de satisfação libidinal. O indivíduo obtém ganhos secundários com o sintoma, ou seja, ele extrai do sintoma certa satisfação, que está além do prazer, e pode incluir a dor, que Lacan designa como gozo. O sintoma é sempre uma solução singular, própria de um indivíduo. Contudo, é a vertente simbólica do sintoma que permite que ele seja interpretável. Ela opera como um envoltório formal que recobre a dimensão real do gozo. O sujeito se serve do imaginário social para construir a ficção que regula e localiza o gozo ao qual está fixado. Os sintomas variam, portanto, segundo as ficções de cada cultura.

Toda cultura estabelece, além de significantes mestres socialmente compartilhados, modos de gozo que se tornam socialmente aceitos. As relações entre o imperativo de gozo e os significantes mestres ordenam o campo dos ideais em cada cultura e são condições estruturais do sintoma social (Khel, 2009). Como assinala Vorcaro (2004), o sintoma social inscreve-se entre o universal do mal-estar e o singular do sintoma subjetivo, por meio de uma modalidade de gozo inscrita, submetida e provocada pelo discurso dominante de uma época. Assim, interrogamos quais são os significantes mestres e os modos de gozo próprios da época digital.

O mal-estar na época de Freud estava ligado à renúncia pulsional. A renúncia ao gozo era a condição para o alcance de ideais mais virtuosos. Para Lacan, da renúncia ao gozo passamos ao imperativo de gozo. Ele (1969-1970/1992) reconhece o mal-es-



tar atual proveniente de um mundo dominado pelo discurso da ciência articulado ao mercado.

A adolescência e a cultura atual: escutando os adolescentes

Uma das metodologias que utilizamos em nossas pesquisas é a conversação de orientação psicanalítica. A utilizamos como um dispositivo clínico de pesquisa-intervenção que visa a circulação da palavra, levando em conta as particularidades de cada um. (Lacadèe, 1999; Santiago, 2008)

As demandas das escolas surgem dos problemas advindos do uso considerado excessivo e inadequado das redes sociais, como a publicação de palavras ofensivas e fotos constrangedoras de professores e alunos no ambiente escolar, a participação em grupos virtuais de incitação à violência ou ao suicídio, dentre outros. Pais e professores se queixam de que os adolescentes estão continuamente conectados às redes sociais, e não se interessam pelo que está à sua volta.

Orientados por uma escuta do inconsciente, buscamos dar a palavra aos adolescentes, para conhecermos os usos que eles fazem das redes sociais e os impasses que vivenciam nas relações com o Outro na internet. Interrogamos sobre os seus interesses e as suas formas de interação virtual, mas também buscamos localizar o ponto de mal-estar, próprio a cada um, no uso das redes sociais. A nomeação do mal-estar pelo sujeito permite certo tratamento da angústia, e pode abrir espaço para uma saída particular para o sofrimento.

Nestes espaços para a palavra, cada adolescente tem a chance de formular alguma hipótese acerca do uso que faz das redes sociais. Alguns reconhecem fazer um uso excessivo do ambiente virtual, falam sobre as suas dificuldades em se separarem de seus celulares e descrevem a necessidade “incontrolável” de conferi-



rem, a cada instante, as mensagens postadas. Outros descrevem as suas postagens precipitadas, “impensadas”, e os seus efeitos nefastos sobre as relações sociais. Os adolescentes sentem-se impelidos a postarem, a buscarem informação, e a conferirem as publicações. Sentem-se diante de um excesso que não controlam, e reconhecem os prejuízos que advém dele, dentre eles, o afastamento presencial e o abandono de outras atividades prazerosas ou importantes em suas vidas.

A escuta dos jovens nos apontou que a busca frenética de se conectar com o outro através das redes sociais e a compulsão por postar se constituem como respostas ao vazio deixado pelo Outro e ao imperativo de gozo na contemporaneidade (Lima, 2014), discussão que será feita a seguir.

O vazio deixado pela ausência do Outro

Lacan destaca que “um grande número de efeitos psicológicos nos parece decorrer de um declínio social da *imago* paterna. Um declínio condicionado por se voltarem contra o indivíduo alguns efeitos extremos do progresso social” (Lacan, 1938/2003, p. 66-67). A imagem do pai enquanto legislador das normas e regulador do gozo, passou a assumir um aspecto cada vez mais inconsistente. As grandes figuras da autoridade, substitutivas do pai, como os professores e os governantes, foram perdendo o seu lugar no imaginário social, sendo substituídos pelo conhecimento científico. Os pais e mestres não são mais reconhecidos em sua função de transmissão de saber. O gozo, antes modelado pelos ideais da época, agora se sobrepõe ao Ideal. Os pais e professores demonstram insegurança em relação ao papel que desempenham junto aos jovens, e estes, por sua vez, sentem a falta de uma referência simbólica que os auxilie nesse processo de inserção social.



Em vários grupos de conversação, a falta dos pais surgiu como um tema privilegiado nas falas dos jovens. João relata que diante da dificuldade para se encontrar com os amigos pessoalmente e da solidão que sente em sua casa, entrar na rede é não ficar sozinho, é preencher o tempo, é ter alguém para conversar. Carlos fala sobre o pouco contato que tem com a sua mãe, descreve a sua dificuldade em fazer amigos na escola e se vangloria do grande número de amigos que possui nos jogos *on-line*. Maria descreve a ausência do pai em sua vida e comenta que a imersão nas redes sociais preenche essa ausência.

Os adolescentes se queixam de que os seus pais também estão fascinados pelas redes sociais, e não tiram os olhos da tela. Afirmam angustiados que os pais têm se desligado deles para se ligarem aos amigos na rede, e reclamam de não serem escutados por eles. Segundo os jovens, fotografar os filhos e publicar as suas imagens na *web* têm substituído as interações familiares. Assim, por meio das conexões virtuais, esses adolescentes parecem buscar se esquivar do vazio provocado pela ausência do Outro.

Atualmente, os pais se demitem de sua função educativa seduzidos pelas tecnologias, paradoxalmente, muitos as utilizam para reforçar o seu controle sobre os filhos. Os adolescentes se tornam objetos de vigilância dos pais, que descobrem as senhas e vasculham todas as mensagens e postagens dos filhos e de seus amigos. Essa invasão da privacidade com o apoio da tecnologia parece mais devastadora. É mais difícil escapar do controle dos pais nessa época de vídeo-vigilância.

Como destaca Lacadèe (2006), na atualidade, a autoridade familiar não constitui mais uma barreira sobre a qual crianças e jovens possam se apoiar. O pai não é mais a exceção que oferece uma saída, um “ponto de onde” os filhos poderiam se ver como dignos de ser amados. A dissolução dos modelos familiares e a evolução do capitalismo levaram a um imperativo de gozo, em nome do direito a



consumir os objetos que vêm escamotear sua falta. As crianças e os jovens desconhecem a autoridade da palavra do Outro e buscam a satisfação através dos instrumentos de gozo imediato, “curto-circuitando” a mediação do Outro (Lima e Rezende, 2013).

As sociedades atuais vivem a perda dos valores tradicionais, dos sentidos compartilhados socialmente e dos mitos familiares que vinculavam os seus membros em torno de um ritual ou de um valor transmitido através das gerações, como salienta Khel (2009). Há o empobrecimento de uma dimensão fundamental do saber e da memória, a transmissão da experiência, que é o sentido que uma coletividade é capaz de extrair a partir do que seus antepassados viveram, ou das narrativas que seus contemporâneos trouxeram de regiões e de países distantes (Khel, 2009, p. 156). A experiência provê sentido à vida e valoriza algum saber acumulado que pode nos orientar no futuro. Assim, assistimos a uma perda do valor histórico, um descrédito com relação ao saber acumulado, e a perda de referências que poderiam conferir alguma segurança ao jovem diante do novo. Como salienta a autora, a equivalência entre todas as referências, produzidas pela perda da experiência, resulta numa disponibilidade permanente das pessoas para aceitar todas as inovações técnicas. A internet não tem sistemas de valores, todas as mensagens se equivalem. A pluralização de sentidos é acompanhada de um descrédito com relação a todos os semblantes do saber.

Assim sendo, a internet provoca a desmaterialização dos espaços institucionais regulados pela presença do Outro encarnado nas figuras de pai, mãe, educadores. Os jovens no ambiente virtual encontram-se desamparados, sem uma orientação, pois estão sem o suporte de um Outro humanizado. Ficam à deriva, deslizando em um campo sem fronteiras definidas, resultado da articulação da pós-modernidade com o capitalismo e a internet. (Lima e Coelho dos Santos, 2015)



O imperativo de gozo

Em Radiofonia (1970/2003), Lacan descreve a época atual como marcada pela ascensão ao zênite social do objeto *a*. A supremacia do gozo e o declínio do Ideal têm levado à predominância do disruptivo, da falta de ordenamento simbólico (Lima, 2014). Se a ciência alimenta a ilusão de que tudo se pode ver, o desejo de ver se transforma numa lei de visibilidade que se impõe a tudo e a todos. A função do olhar como fonte de gozo é potencializada pelas tecnologias da imagem. O universo *panóptico* do ciberespaço coloca em evidência o gozo do olhar numa época em que se goza desse espetáculo no qual tudo é dado a ver. (Wajcman, 2011)

A puberdade, para a psicanálise, pode ser pensada como o confronto com o real traumático, e a adolescência como o tempo lógico de elaboração de uma resposta subjetiva a esse confronto. A aceleração do tempo promovida pelo avanço tecnológico e o imperativo de gozo dificultam esse trabalho psíquico de interpretação da puberdade, favorecendo as atuações. Uma adolescente diz: eu tiro *selfie* o tempo todo, é uma compulsão. Muitos afirmam que publicam, postam mensagens e vídeos, muitas vezes, de forma impulsiva, “sem pensar”. A compulsão a postar, que leva alguns jovens a se colocarem em situações de risco, entrando em contato com pessoas desconhecidas e compartilhando suas intimidades, parece ser uma das tentativas de se situar no mundo, de buscar a aprovação e o olhar do Outro, tentando responder à questão que ressurge na puberdade: O que o outro quer de mim? (Lima, 2014).

Esse agir pode ser analisado como uma defesa contra a angústia. Lacan (1962-1963) descreve a angústia como um afeto que designa o encontro com o real que pode desencadear sintomas e inibições, bem como a passagem ao ato e o *acting out*, pois, o sujeito, afetado por esse encontro, não pensa nem tenta compreender o que se passa com ele, mas, simplesmente recorre à ação, ele age. Os



atos são uma forma de defesa contra a angústia. Ele afirma que é preciso “encontrar num ato o seu sentido de palavra” (Lacan, 1953-1954/1993, p.279). O ato pode ser entendido como uma mensagem endereçada ao Outro. Por isso, cabe àquele que se propõe a escutá-lo, acolher o ato do sujeito, alçando-o à condição de uma mensagem, e conferindo-lhe, retroativamente, um sentido.

Considerações finais

As tecnologias digitais móveis incrementaram a hiperconectividade, exigindo a capacidade de sustentar vários diálogos simultaneamente, e de estar ligado a vários estímulos. Nesse ritmo acelerado contemporâneo, surge a queixa dos pais de que os adolescentes são hiperativos, não se concentram. Se a aceleração é a forma de inserção na cultura digital, essa aceleração não é sem efeitos subjetivos.

As intensas transformações tecnológicas nos mantêm em permanente “instante de ver”. Desta forma, é preciso criar pequenos intervalos para instaurar o “tempo de compreender”. É no *a posteriori* que se constrói uma significação para as postagens feitas na urgência da pulsão. Como disse uma adolescente na conversaço: “Foi muito bom conversar aqui. Esse é o único lugar em que eu posso falar de tudo e que eu sou ouvida. Agora eu estou pensando antes de postar”.

É preciso ficar atento às formas de sofrimento atuais, às maneiras com que os sujeitos buscam se fazer ouvir. A oferta de espaços para a palavra visa sustentar um ponto de enigma, que permite ao adolescente interrogar-se sobre as suas ações e palavras nas redes sociais. A conversaço cria uma hiância, um furo na tela, que permite a emergência subjetiva. A nossa proposta é a de oferecer aos adolescentes, no lugar do olhar que tudo vê e que os objetaliza, a escuta que os singulariza.



REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. *Sobre educação e juventude*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

FREUD, S. (1930/2010). *O mal-estar na civilização*. S. Freud. *O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos*. (P. C. de Souza, trad., vol. 18). São Paulo: Companhia das Letras. pp. 13-123.

KHEL, M.R. (2009). *O tempo e o cão*. A atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo.

LACADÉE, P. (1999/2000). *De la norme de la conservation au détail de la conversation*. In: Lacadée, P, monnier, Françoise (Orgs). *Le pari de la conversation*. Institut du Champs Freudien: CIEN-Centre Interdisciplinaire sur l'Enfant. Paris, (Brochure).

LACAN, J. (1998). *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*. In: *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

LACAN, J. (1962-1963/2005). *O seminário, livro 10: A angústia*. (V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Zahar.

LACAN, J. (1969-1970/1992). *O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise*. (A. Roitman, trad.). Rio de Janeiro: Zahar (Trabalho original publicado em 1969-1970).

LACAN, J. (1938/2003). *Os complexos familiares na formação do indivíduo (1938)*. In: Lacan, J. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

LACAN, J. (1962-1963). *O Seminário, livro 10: A angústia* Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.



LACAN, J. (1970/2003). Radiofonia. In J. Lacan. *Outros escritos*. (V. Ribeiro, trad.). pp. 400-447. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1970)

LACAN, J. (1974/2003). Prefácio a O despertar a primavera. *Outros escritos*. (V. Ribeiro, trad.) p.557-559. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1974).

LACAN, J. (1974). *A Terceira*. Escola Freudiana de São Paulo, 1981.

LEMOS, A. (2014). A crítica da crítica essencialista da cibercultura. In: Baldi, V. e Oliveira, L. (orgs). (2014). *A insustentável leveza da web*. Salvador: Edufba (p. 41-76).

LÉVY, Pierre. (1999) *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34.

LIMA, N.L. *Da lei edipiana à norma entre pares: as identificações nas redes sociais da internet*. In: Coelho dos Santos, T.; Santiago, J. e Martello, A. (orgs). Os corpos falantes e a normatividade do Supersocial. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2014. <https://spcrj.org.br/pdf/2015.pdf>

LIMA, N.L. e Coelho dos Santos, T. *O declínio do pudor no imaginário contemporâneo*. In: Cadernos de Psicanálise – SPCRJ- Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro. Trauma e suas Vicissitudes v. 31, n. 34, 2015.

LIMA, N.L e Rezende, A. (2013). *O poder normativo nas escolas e seus efeitos sobre os sujeitos*. Estilos clin. vol.18 no.1 São Paulo abr. 2013. Acesso em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282013000100003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt

LIPOVETSKY, G. (2005). *A Era do Vazio*. Ensaios sobre o individualismo contemporâneo. São Paulo: Manole.

MILLER, J.A. *Problemas de pareja: cinco modelos*. In: La pareja e el amor. Buenos Aires: Zahar, 2003.



SANTIAGO, A.L. *O mal-estar na educação e a conversação como metodologia de pesquisa intervenção em psicanálise e educação*. In: Castro, L.R; Besset, V.L (orgs). *Estudos da infância: educação e práticas sociais*. Rio de Janeiro: Trarepa/FAPERJ, 2008.

TAPIAS, J.A. P. (2006). *Internautas e naufragos*. A busca do sentido na cultura digital. São Paulo: Ed. Loyola.

OLIVEIRA, L. e Baldi, V. *A insustentável leveza da web*. Retóricas, dissonâncias e práticas na sociedade em rede. Salvador: Edufba, 2014.

PRIMO, A. (2014). *Industrialização da amizade e a economia do curtir: estratégias de monetização em sites de redes sociais*. In: Oliveira, L. e Baldi, V. (2014). *A insustentável leveza da web*. Retóricas, dissonâncias e práticas na sociedade em rede. Salvador: Edufba. (p. 109-130).

RECUERO, R. *Comunidades em Redes Sociais na Internet: Proposta de Tipologia baseada no Fotolog.com*. Tese de Doutorado em Comunicação e Informação. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2006.

SANTAELLA, L. *Extensões ecotécnicas do humano*. Fugidias paisagens do pensamento. São Paulo: Instituto Langage, 2017.

VORCARO, A. (2004). *Seria a toxicomania um sintoma social?* Mental v.2 n.3 Barbacena nov. 2004. Acesso em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272004000200006

WAJCMAN, G. (2011). *La casa, lo íntimo y lo secreto*. In: Recalcati, M; Brousse, M. H.; Wajzman, G; Cocoz, V; Ponce, X.G; Vinciguerra, R. P. (Org.). *Las três estéticas de Lacan (psicoanálisis y arte)*. Buenos Aires: *Del Cifrado*, p.9-36.

